

UMA FORMA NÃO CLÍNICA DE PENSAR AS PESSOAS COM AUTISMO?

Vanessa Marocco

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (Estudante de Doutorado)
marocco.v7@gmail.com

Durante anos da minha vida sempre houve uma percepção bastante intensa e resistente em relação aos processos da escrita e da leitura. Intensa, pela necessidade desses processos se desdobrarem em mim, e resistente, por entendê-los como uma possibilidade. Para além da minha própria história, podemos identificar esse acontecimento ao longo da historicidade humana, olhando para o contínuo aprimoramento de técnicas e instrumentos que levaram a espécie humana, em particular a da cultura ocidental, a considerar como indispensável a escrita, leitura e fala como sendo a tríade da linguagem. Provavelmente, a possibilidade de nos pensarmos fora dessa tríade, nos dias atuais, é no mínimo desconfortável, para não se dizer descabida. Contudo, há que se considerar que essa perspectiva de linguagem, esse tripé, é apenas uma perspectiva que acaba, por sua supremacia, ocultando outras possibilidades, por exemplo, a *linguagem como linguagem*, segundo a perspectiva fenomenológica de

Heidegger (2003), que designa um movimento de ampliação sobre o assunto: a linguagem como a própria possibilidade de existência (HEIDEGGER, 1997a, 1997b).

Minhas escolhas acadêmicas ratificam uma série de questionamentos referentes a essa tríade. Tanto a Educação Física como a Educação Especial são áreas de conhecimento que permitem pensar em múltiplas formas de linguagens, bem como o que todas elas têm em comum. Essas duas áreas manifestam movimentos diferenciados que trazem à luz da ação-pensamento formas e sujeitos que, de alguma maneira, estão além daquelas compreendidas e aceitas socialmente. A relação direta entre as potencialidades dos distintos movimentos entrelaçam nuances filosóficas que levam em consideração o fenômeno como tal. A fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, fortemente influenciada pela filosofia oriental, convoca toda uma ancestralidade filosófica que convida à percepção de algumas questões importantes sobre o processo da intuição e das imagens. A partir dessas perspectivas, é que penso esses processos em pessoas tidas socialmente como ‘diferentes’, especificamente as pessoas com autismo¹.

Segundo meus estudos, esse meu percurso teórico-metodológico², em alguma medida, se aproxima das relações que as pessoas com autismo estabelecem com a linguagem, e permite vislumbrar a possibilidade de pensar pessoas com autismo fora de um plano clínico, ainda que o autismo permaneça como um conceito de origem clínica. Para compreender esse processo, penso que existe uma profunda relação, e só por isso foi possível esta possibilidade, entre a fenomenologia de Heidegger e alguns elementos da Física Quântica, apresentados por autores como Albert Einstein (1981), Niels Bohr (1995), Richard Feynman (2004) e Danah Zohar (2000, 2008, 2010).

A aproximação teórica entre a fenomenologia e a física quântica torna possível ver as ideias de intuição e imagem como canais que nos levam à compreensão da linguagem como um fenômeno. Através da convivência com as pessoas com autismo, pude perceber que, ainda que as mesmas não estejam no parâmetro de ‘normalidade’ atribuído à

¹ O autismo é conhecido clinicamente como um Transtorno Global do Desenvolvimento Humano, que compreende um Espectro de Síndromes e/ou Distúrbios envolvendo as áreas da linguagem, interação e comportamento (BOSA, 2002).

² Esse percurso encontra sustentação na minha experiência com as áreas da Educação Física e Educação Especial, e nas reflexões realizadas a partir da Filosofia e da Física Quântica.

espécie humana, elas parecem ampliar a visão sobre grande parte das ações dos seres humanos que ‘estão’ na chamada ‘normalidade’ (SERRES, 2003; MAFFESOLI, 2008). Essa me parece uma direção interessante para pensar: como sendo um jogo zoom, de ampliação e foco entre aqueles que são a maioria e aqueles que dão margem para a maioria se constituir como tal. É possível dizer que as pessoas com autismo concentram uma atenção natural em si, que vem de si mesmas e também das outras pessoas. Entretanto, as questões que permitem esse acontecimento são também coletivas e tais questões fazem a intermediação do pensamento que o paradigma educacional tem pensando e, portanto, sustentado como ideia de linguagem.

A linguagem é um campo tão amplo quanto complexo, porém, possível de ser dialogado desde que ela não seja pensada de forma simplificada. É possível compreender a perspectiva da linguagem como o principal canal de construção de políticas e da gestão em educação, a partir da qual se cria uma dimensão de Cuidado. Essa ideia de e das linguagens é importante na sustentação de argumentos sobre e para as Políticas Educacionais. No entanto, na grande maioria das vezes, ela se dissolve em meio às muitas medidas de emergência, e sua complexidade se perde sem ser pensada e tratada com o tempo e a profundidade necessários.

Há uma incorporação de muitas concepções de linguagem que fragmentam os sujeitos. Contudo, a Política Educacional se apresenta como a promoção de uma Educação que valoriza a pessoa de forma integral, global, total, ou qualquer outro termo que a perceba como um todo. Daí o grande e permanente paradoxo: concepções limitadas versus pessoas abertas. Daí, também, as questões impossíveis de ignorar: de onde vêm os conceitos que sustentam a Educação como um todo? E, em relação às pessoas com autismo, de onde vêm os conceitos que tem subsidiado as Políticas Educacionais que envolvem pessoas com autismo?

A interpretação do que é linguagem como um campo amplo e complexo traz outras questões que indagam, por exemplo, se podemos designar o que é linguagem antes que os sujeitos para as quais ‘prometemos’ as políticas nos digam qual é a sua linguagem particular, suas diferenças, suas habilidades, suas potências. Considerar que o sujeito pode ser, enquanto existência, uma linguagem, é uma concepção de linguagem.

Mas não é uma ideia muito aceita no campo educacional, e parece que isso ganha mais notoriedade referindo-nos a pessoas com autismo. O que tem predominado no Brasil, por uma consequência mundial, são concepções de linguagem ou linguagens que pertencem ao campo clínico e que, na maioria das vezes, enfatizam a dificuldade, a recuperação, a reabilitação, o treinamento, o comprometimento, etc. Em outras palavras, a corrida à luz da fala, escrita e leitura (o tripé da principal concepção de linguagem da sociedade ocidental).

Um exemplo interessante desse evento é o fascículo do Atendimento Educacional Especializado *feito para* sujeitos com autismo pelo Ministério da Educação no ano de 2010. Um documento para referência nacional. Este documento, analisado minuciosamente em outro momento, mostra uma estrutura que parece tomar as especificidades de uma área de conhecimento: a Psiquiatria. Segundo Belisário Júnior e Cunha (2010, p. 7) “[...] embora se tenha recorrido ao campo da psiquiatria para melhor compreender as manifestações do transtorno no cotidiano do aluno na escola, o empenho é contextualizá-lo no âmbito educacional”. Portanto, os conceitos vêm da área da Psiquiatria e entram no campo educacional.

Contextualizar é uma palavra bastante generosa para a realidade educacional brasileira, principalmente, quando pensamos em tempo para refletir sobre as ações pedagógicas. A prática e a emergência destas pedem aos professores sanções precisas e quando pessoas com autismo são inseridas em escolas regulares os professores não têm disponibilidade de tempo, estudo, dinheiro, entre outros, para compreender o campo da Psiquiatria, muito menos para questionar conceitos médicos. Aliás, algo bem caro para a área da Educação. Então não sabemos em que medida é seguro para a própria área educacional se apropriar de conceitos que requerem uma vida de estudos e práticas em um campo distinto como a Psiquiatria. Nada contra esta área, mas ficamos muito apreensivas por termos poucas tentativas de criar conceitos dentro da própria área da Educação para lidar com pessoas com autismo. Transpor um conceito é algo bastante complexo, requer manter a originalidade e recriá-la ao mesmo tempo. Então contextualizar conceitos é uma ação frágil quando pensamos a Educação e suas possíveis implicações para a vida das pessoas com autismo.

Sou professora de formação, com magistério, graduação, especialização, mestrado e agora doutoranda. Estudo a área clínica e suas produções relacionadas a pessoas com autismo nos últimos nove anos e me sinto bastante segura para dizer que é difícil percorrer um caminho sendo influenciado o tempo todo a pegar atalhos. Embora a Educação seja uma área influenciada e formada por outras áreas, ela tem princípios profissionais próprios com autoridade suficiente para criar seus próprios conceitos.

A partir dessa brevíssima exposição influenciada pela Filosofia e Física Quântica, poderíamos, a longo prazo, pensar na hipótese: *os modos de ser dos sujeitos com autismo fazem emergir a possibilidade de outra estrutura de linguagem?*

A condição do ser humano é algo movediço e, por isso, precisa ser estranho aos olhos dos próprios humanos (SERRES, 2003). Pessoas com autismo parecem estranhar coisas que naturalizamos ao longo da vida e isso pode ser uma oportunidade de aprendermos uma dimensão de Cuidado mais integral.

Referências

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. v. 9. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

BOHR, Niels. **Física Atômica e Conhecimento Humano: ensaios**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995. 140 p.

BOSA, Cleonice A. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto e BOSA, Cleonice (Orgs.). **Autismo e Educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

EINSTEIN, Albert. **Como vejo o mundo**. 11 ed. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FEYNMAN, Richard P. **Física em Seis Lições**. Tradução Ivo Korytowsky [introdução de Paul Davies]. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997a.

_____. **Ser e Tempo**. Parte II. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997b.

_____. **A caminho da linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis-RJ: Vozes; Bragança Paulista – SP: Editora Universitária São Francisco, 2003.

MAFESSOLI, Michel. **O Elogio da Razão Sensível**. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SERRES, Michel. **Hominescências**: o começo de uma outra humanidade. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ZOHAR, Danah. **Sociedade Quântica**. São Paulo: Editora Best Seller, 2000.

_____. **O ser Quântico**: Uma visão revolucionária da natureza humana e da consciência, baseada na nova física. Tradução Maria Antonia Van Acker. 17 ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

_____. Exploring Spiritual Capital: Na Interview with Danah Zohar. **Spirituality in Higher Education Newsletter**. Volume 5, issue 5. August, 2010.